

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017/190101-00-00>

SOLIDARIEDADE ACADÊMICA E EDIÇÃO DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS

Silvânia Siebert***Maria Marta Furlanetto******Universidade do Sul de Santa Catarina****Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem****Tubarão, SC, Brasil**

Publicamos mais uma edição de nossa revista *Linguagem em (Dis)curso*. Para os editores, compartilhar mais um número da Linguagem em (Dis)curso com os leitores é uma imensa satisfação. A satisfação é motivada, em boa parte, pela solidariedade acadêmica de nossos consultores, que leem, releem, analisam, avaliam e tecem pareceres para os artigos submetidos. Sem a participação solidária destes pesquisadores, a publicação e a circulação de conhecimento científico especializado ficariam comprometidas. E não nos referimos apenas à LemD: temos conhecimento de que muitas outras revistas científicas compõem um rol.

Temos desenvolvido, de 2017 para cá, no planejamento de nossa revista, o que chamamos de *episódios*, focalizando, simultaneamente aos temas publicados, tópicos que sobrevoam os eventos de espaço-tempo acompanhando os rumos do trabalho científico e suas implicações de caráter administrativo, político, histórico e social. Pretendemos, com esta direção, fornecer interpretações e abertura para o esforço de produzir trabalho editorial na supervisão de produção e circulação do conhecimento. Em números anteriores abordamos assuntos como plágio, autoria, produtivismo, entre outros. Nesta edição discutimos a relação necessária entre solidariedade, cooperação e divulgação científica.

O tema envolve uma prática de trabalho das revistas científicas especializadas que adotam, como um dos procedimentos de avaliação para a publicação de texto submetido, a leitura às cegas, feita por consultores – a maioria, professores pesquisadores ligados a Programas de Pós-Graduação, que realizam o referido trabalho de forma solidária: sem remuneração, como prática de colaboração científica. Aspectos objetivos e subjetivos acompanham o processo de produção de uma revista especializada que tem como propósito a publicação de textos originais e inéditos oriundos de pesquisas realizadas na área de Letras e Linguística, em especial, nesta revista, sobre texto e discurso. A tarefa não é fácil, e requisita alto grau de responsabilidade.

* Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina. Editora de Linguagem em (Dis)curso. E-mail: silvania@cinemaistv.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7852-0968>.

** Doutora em Linguística Aplicada pela Université Paris VIII. Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina. Editora de Linguagem em (Dis)curso. E-mail: mmartafurlanetto@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0298-765X>.

De um lado temos as avaliações predominantemente quantitativas da produção acadêmica, que pressionam para obter cada vez mais textos publicados; de outro, o aumento de submissões exige, para as várias especialidades, mais consultores, mais avaliadores solidários. As revistas especializadas precisam contar com esta participação. No entanto, este fazer exige tempo substancial, concentração e busca para verificação (de dados, conceitos, noções), bem como para propor sugestões e recomendações adequadas, que efetivamente auxiliem no aperfeiçoamento de textos com mérito. Isso representa dias dedicados ao trabalho – um trabalho especializado de que não se pode abrir mão.

A SOLIDARIEDADE

Em nosso percurso de leitura e pesquisa, vimos que a solidariedade é um tema a que a sociologia dedica atenção desde sua constituição como ciência no século XIX. Está presente no trabalho de Émile Durkheim. O sociólogo considerava que “só pode haver solidariedade entre outrem e nós se a imagem desse outrem se unir a nós” (DURKHEIM, p. 28). Completa:

Onde existe a solidariedade social, apesar do seu caráter imaterial, ela não permanece no estado de pura potencialidade, mas manifesta sua presença através de efeitos sensíveis. Onde é forte, inclina fortemente os homens uns para os outros, coloca-os frequentemente em contato, multiplica as ocasiões que tem que se relacionar (p. 31).

Pensar em solidariedade envolveria o outro como condição de existência, envolveria uma projeção imaginária de nós no outro – nos reconhecermos nesse outro. Para os estudos discursivos, a inter-relação eu/outro é constitutiva da língua. Em uma relação direta, poderíamos considerar a solidariedade, nos termos de inter-relação, como condição de existência da linguagem – e da própria humanidade.

Podemos retornar, neste ponto, em visão contemporânea, às considerações sobre a noção de *imaginário* na sociologia compreensiva de Michel Maffesoli (2001). *Imaginário* diz respeito a estado de espírito de um povo, de um agrupamento social, compo uma matriz espiritual coletiva, que se destaca de nossa compreensão naturalizada de *individualismo*, que ressoa ilusoriamente em nós como bem-estar pessoal num mundo racional, porém implicando competição, busca de superioridade, reconhecimento e fama – e provavelmente, como consequência, isolamento e solidão.

O IN-divíduo é, afinal, dividido desde sempre: o imaginário humano envolve substancialmente imaginação, sonhos, futuridade, afetividade, fantasia, jogo, ficção, utopia, atuando como laço social, que é cimento para criar relações. Relação implica interação e partilha, percepção de que a alteridade é fundamento da humanidade, e que a linguagem é seu material de relacionamento e comunicação. Assim é que Maffesoli (como tantos outros estudiosos da sociedade) percebe *indivíduo* como uma noção superada:

O termo indivíduo, já o disse, parece-me superado, ao menos no sentido estrito. Talvez se deva falar, quanto à pós-modernidade, em uma *persona* que desempenha diversos papéis nas tribos às quais adere. A identidade fragiliza-se. As diferentes identificações, em contrapartida, multiplicam-se.

As grandes reuniões musicais, esportivas, consumistas, demonstram isso. Em cada um desses casos, trata-se de se perder no outro. (MAFFESOLI, 1998, p. 12)

Em Análise de Discurso o texto é tomado como espaço de possibilidades relacionais (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2006). Como unidade de análise materializaria o dizer do autor para o leitor, por exemplo. Porque sem o encontro com o outro o texto não completaria sua circularidade: precisa alcançar outrem para fazer sentido, ser interpretado. Sem o outro, haveria o vazio. As projeções imaginárias, do eu e do outro, apareceriam como um amálgama para o funcionamento dos sentidos entre os sujeitos; a cooperação e a solidariedade participariam como a força motriz do fluxo discursivo, como impulsionador do estar com o outro. Se ver no outro. Formar o laço social.

É para não perder ou desagregar o laço social – que conduz a justificar a solidariedade – que nos permitimos, não raramente, utilizar o que Maffesoli denominou *liberdades intersticiais* (MAFFESOLI, 1993), que são “pequenas utopias intersticiais” para conservação dos grupos – formas de escapar às pressões excessivas do mundo normalizado, pequenos arranjos que ajudam a reduzir a ansiedade e o estresse, sem a pretensão, nesse nível, de produzir uma revolução. São, contudo, índice de resistência a qualquer projeto maior de manipulação. Essas formas triviais de *autolibertação*, contudo, podem perigosamente romper o limite do aceitável, do ético, no esforço astucioso de responder a pressões (como a de publicar, por exemplo) e ao mesmo tempo não satisfazer requisitos (originalidade, ineditismo).

O sociólogo destaca a noção de *comunicação* como encontro para compreender. Compreender, etimologicamente, corresponde a: “pegar com, tomar junto, reunir, abordar o mundo na sua totalidade, abrir-se aos outros.” (MAFFESOLI, 2003, p. 14). Isso implica vínculos emocionais, implica solidariedade em todos os níveis. Aqui, trata-se de solidariedade no mundo acadêmico.

SOBRE SOLIDARIEDADE E PRODUTIVISMO

No artigo *O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares?*, os autores se interrogam quanto o produtivismo ameaça a solidariedade acadêmica. Para tanto, buscam fundamentar a noção de solidariedade, e a definem “como um conjunto de relações cooperativas que visam consolidar uma totalidade, torná-la coesa, sólida.”. A partir daí, veem a solidariedade acadêmica como “um conjunto de relações cooperativas no âmbito das universidades que promovem a coesão da academia, ou seja, a consolidação de uma rede de colaboração voluntária que dá sustentação ao fazer acadêmico.” (PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2015, p.14). Eles assumem que a revisão por pares é um mecanismo exemplar da solidariedade acadêmica, visto ser uma atividade voluntária.

Os autores associam cooperação e solidariedade para mostrar uma distinção necessária: a cooperação é componente da solidariedade, mas pode haver cooperação sem solidariedade, uma vez que aquela tem caráter mais pragmático ou utilitarista. Em qualquer instituição a colaboração (*laborar com, co-operar*) de seus componentes é imprescindível para realizar metas de planejamento; a solidariedade implica mais que isso. Podemos compreender que ela exige, como explicitado por Maffesoli, vínculos emocionais, uma abertura para os outros, um trabalho em que a *individualidade* não seja

o elemento privilegiado, porque a solidariedade tem um caráter *comunitário*, como explicam Patrus, Dantas e Shigaki (2015, p. 14); portanto, envolve a compreensão de que um imaginário funciona como cimento para que a comunidade em questão funcione voluntariamente em harmonia para a consecução das tarefas pertinentes – sem o que todos perdem algo em algum sentido.

O produtivismo (como o temos compreendido na academia), dizem os autores, “tende a corroer a noção de pertinência a esse sistema [a pós-graduação]” (p. 14). É como dizer que o que deveria ser um *corpo docente/grupo de pesquisa* com objetivos próprios se estilhaçasse em figuras individuais laborando por interesse próprio – o que fragiliza a coesão. A consolidação de qualquer projeto de grupo estaria ameaçada diuturnamente pelo produtivismo, que se definiria como contraditório para o desenvolvimento do próprio conhecimento nas instituições.

Para Sguissardi, um dos pesquisadores que fundamentam o artigo supracitado, o produtivismo acadêmico “segue a lógica do mercado ou da transformação, no capitalismo atual, de todos os bens materiais e simbólicos em mercadoria, e das universidades e institutos de pesquisa em empresas ou corporações, devendo esses ser geridos nos moldes gerenciais destas” (SGUISSARDI, 2010).

Convém apontar que o produtivismo não se mostra como um fenômeno observável que surge espontaneamente no decurso do tempo (como o crescimento do léxico das línguas) e por miríades de influências mais ou menos perceptíveis – fenômeno que se busca, em certo momento, explicar e registrar. Pelo contrário: a exigência de quantidade para avaliação e controle é datada (anos 1950 nos Estados Unidos) e conhecida pelo mote “publicar ou perecer”. Por isso mesmo, *produtivismo* já é um derivado negativo em contraponto ao termo original, que não deve constar (ao que tudo indica) nos documentos oficiais das agências de fomento e de avaliação; ali se trata de *produtividade* (volume de produção) – *bolsa de produtividade*, por exemplo. A forma *produtivismo* corresponde à interpretação situada de quem vê nessa orientação mais mal que bem, contrapondo qualidade a quantidade. *Produtividade* (conceito de Economia) é uma medida para estabelecer o que se chama *performance* de uma empresa, daí que, trasladada para a área científica, significa que os pesquisadores são avaliados por sua *performance* científica.

Esta discussão nos faz pensar que as revistas especializadas – ao menos as de livre acesso – se contituem em lugares de resistência, lugares de produção onde o capital não é o que determina a publicação.

Na *Linguagem em (Dis)curso* temos recebido cada vez mais submissões; para responder a essa demanda, temos solicitado a participação de mais consultores, mais pesquisadores solidários para exercerem a função de avaliadores. Se fundamental para a existência e a persistência dos periódicos especializados, entendemos que esta função não é reconhecida pela área como de importância crucial. Uma vez que a atividade regular de consultor de periódico não recebe pontos – ou não é adequadamente valorada quando é realizado o relatório periódico do *Coleta CAPES*, por exemplo –, não se pode esperar que os consultores deem continuamente prioridade a tal atividade. Este fator age como uma forte força contrária à solidariedade acadêmica, uma vez que o consultor não é remunerado pela tarefa e também não é reconhecido pelo sistema de avaliação oficial; resta a ele, então, o reconhecimento pelos pares, por participar de um grupo de pertença

da sociedade acadêmica, e ainda, provavelmente, por estar ele, como pesquisador, submetido à mesma pressão para publicar, esperando também contar com a solidariedade de outrem. Realizar uma avaliação justifica-se pelo forte laço de solidariedade que (ainda) une os pares ao processo de produção e veiculação de ciência realizado pelos periódicos.

Mas até quando teremos de resistir? Até quando teremos de aceitar a condição de consultor como subalterna?

Há um lado irônico no sistema produtivista: se o que conta na avaliação oficial é o que se lê e cita (o que circula no mercado), talvez se faça mais leitura pela necessidade de consultar autores e fazer referências na própria produção que ao buscar conhecimento de forma mais livre. Dado o volume de leitura disponível em todas as áreas e mesmo numa única área de especialidade, somos levados a selecionar obras e artigos, dos quais também vamos selecionar capítulos ou tópicos específicos.

Outro percalço é que o grande volume de material para avaliação também tem redundado em alto percentual de reprovação. Para os consultores, a leitura de trabalhos de baixa qualidade, que provavelmente reprovarão, pode levar à sensação de tempo mal aproveitado.

PUBLICAR OU PERECER

Em boletim publicado no blog da base *Scielo* (PLUME; van WEIJEN, 2014), a expressão “publicar ou perecer” é tomada como fator de pressão sobre os pesquisadores, que precisam publicar para se manterem relevantes e bem-sucedidos na comunicação acadêmica. O boletim mostra, por meio de dados quantitativos, que a pesquisa vem aumentando, com maior número de pesquisadores compartilhando publicações, em coautoria. Este dado confirma que a pontuação dada aos autores serve de incentivo à cooperação entre os pares. Mas, por que somente os autores são valorizados? A premissa, que parece funcionar para o sistema, é que a publicação é um fim em si mesma; qualquer espaço serviria para expor o produto – no caso, artigos, ensaios, debates, entre outros. Nesta linha de raciocínio, as revistas especializadas estariam em processo de extinção.

Ainda acreditamos, contudo, que acima do processo quantitativo (estatístico) há o qualitativo: o reconhecimento de que os textos publicados nas revistas especializadas ganharam a atenção de especialistas da área, de que passaram por um crivo de qualidade e relevância científica para chegar até você, leitor. Queremos dizer: o interesse “desinteressado” do consultor que permite publicarmos a cada quatro meses nova edição, exercitando novos saberes, e termos leitores que se interessam pelos temas aqui publicados.

Temos certeza de que o êxito desta publicação subsiste pelo empenho de todos os envolvidos no processo, mas o consultor é pilar nesta estrutura. É ele, sem ser identificado pelo autor, que analisará o texto e dará seu aval, às vezes positivo, outras vezes negativo. Em uma submissão, que tem como critério a avaliação duplo-cega, nem o consultor sabe quem escreveu o texto, nem o autor sabe quem avaliou o texto submetido. É uma tradição das revistas especializadas, que garantiria para a maioria dos pesquisadores a qualidade, a confiabilidade, a integridade e consistência da literatura acadêmica (NASI-CALÒ, 2015).

Pelo valor do processo de publicação dado às revistas especializadas que reivindicamos nesta edição, que a solidariedade acadêmica seja valorizada e estimulada, como laço de trabalho que permite a circulação de conhecimento de qualidade e de relevância para toda a comunidade, seja científica ou não.

“Sem a dimensão de solidariedade, o ‘publicar ou perecer’ pode transformar-se em publicar e perecer.”, destacam Patrus, Dantas e Shigaki (2015, p. 14). Isso atingiria não apenas o autor, mas o próprio sistema, uma vez que se perderia a perspectiva comunitária.

REFERÊNCIAS

- DURKHEIM, E. *Da divisão do trabalho social*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MAFFESOLI, M. Liberdades intersticiais. In: MORIN, E.; BAUDRILLARD, J.; MAFFESOLI, M. *A decadência do futuro e a construção do presente*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993.
- MAFFESOLI, M. Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 8, p. 7-14, jul. 1998.
- MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.
- MAFFESOLI, M. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 20, p. 13-20, abr. 2003.
- NASI-CALÒ, L. Avaliação por pares: prós e contras. *Blog Scielo*. Março de 2015.
- ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.
- PATRUS, R.; DANTAS, D. C.; SHIGAKI, H. B.. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares? *Cad. EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 13, n 1, p. 1-18, jan./mar. 2015.
- PLUME, A.; van WEIJEN, D. Publicar ou perecer? O aumento do autor fracionado. *Blog Scielo*. Outubro 2, 2014. Publicado originalmente na newsletter Elsevier “Research Trends Issue 38”.
- SGUISSARDI, V. Produtivismo acadêmico. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A.; VIEIRA, L. (Org.). *Dicionário de Trabalho, Profissão e Condição Docente*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. Disponível em: <https://www.gestrado.net.br/?pg=dicionário-verbetes&id=336> Acesso em: 25 fev. 2019.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.